

eleição presidencial

HELENA CHAGAS



de Brasília

Eleitor quer programa

• Os governistas correram ontem para a Internet a fim de ler a carta-compromisso do candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. No gesto, duas novidades da eleição de 1998. A primeira, é candidato e eleitor internautas. A segunda, programa de governo. Já ficou claro para marqueteiros e candidatos que, nesta terceira eleição direta após a redemocratização, o eleitorado deverá, finalmente, nortear sua escolha por um programa de ação.

Por isso, alguns aliados de Fernando Henrique faziam ontem a mea culpa e admitiam ter bobeado por não sair na frente nesse item. Pretendem até antecipar a divulgação do programa do presidente candidato à reeleição, inicialmente prevista para agosto. Essa plataforma para um segundo governo vai vir acompanhada de uma espécie de prestação de contas do que foi feito.

É que, com base nas últimas pesquisas e na movimentação dos adversários, o Planalto percebeu que o eleitor de 1998 quer, sim, saber de propostas concretas para melhorar sua vida — e não mais de um salvador da pátria. A expectativa é de que ele vá votar movido muito mais pelo racional do que pelo passional. Diferentemente do eleitor de 1989, que elegeu Fernando Collor como uma espécie de super-herói para derrotar de um só golpe o binômio inflação-corrupção (e deu no que deu). Ou do de 1994, que votou em FH para presidente sob o fortíssimo imperativo do Real.

Essa convicção foi reforçada no fim de semana com o fim do prazo de registro de candidatos no TSE. O quadro que se fechou deu a Fernando Henrique algumas certezas que vão orientar a campanha. Uma delas, tirada a partir da constatação de que há apenas mais dois candidatos viáveis — os já bem conhecidos Lula e Ciro Gomes —, é de que dificilmente a campanha cairá ao nível da agressão pessoal ou da artilharia pesada entre candidatos. O que poderia ocorrer, por exemplo, se o senador Roberto Requião estivesse na parada pelo PMDB. Ou se o ex-presidente Collor conseguisse manter sua candidatura.

Crescem, portanto, as indicações de que o debate da campanha presidencial se fará em torno de idéias e questões concretas de governo, mais ligadas ao dia-a-dia do eleitor. Fernando Henrique terá que explicar o que fez, o que não fez e por que não fez. E vai tentar convencer as pessoas de que, de forma diferente do que elas pensam, ele se preocupa com seus problemas e está disposto a resolvê-los. Ao mesmo tempo, Lula, que segundo as pesquisas é percebido como alguém que entende os problemas do cidadão, terá o desafio de mostrar não só que entende, mas que tem capacidade de resolver esses problemas.

A preocupação mais imediata da campanha da reeleição ontem era correr atrás do prejuízo. Por isso, houve certo alívio quanto ao tom genérico da carta compromisso da frente das oposições.

Mas, ao mesmo tempo, Lula avançou em propostas concretas ao anunciar a ampliação a nível nacional dos programas sociais do Governo do Distrito Federal, como o Bolsa-Escola, o Saúde em Casa e o Agroindústria Familiar.

A intenção do Planalto agora é dissecar essas primeiras propostas do candidato do PT e escalar um time para rebatê-las. A campanha do presidente vai tentar passar a idéia de que algumas seriam inviáveis dentro do atual Orçamento e que sua execução poderia comprometer a estabilidade econômica do país.

A princípio, nenhum ministro ou funcionário de Governo vai abrir a boca para comentar os programas propostos por Lula. A tarefa deve ficar com o comitê de campanha, com ex-ministros e especialistas nos diversos assuntos — saúde, educação etc. Iniciada hoje a campanha oficial, os ministros vão entrar em campo apenas para defender o Governo em acusações relativas a suas pastas. Programa é assunto do pessoal da campanha.

Já tem programa completo o outro candidato considerado viável, Ciro Gomes. Mas a estratégia aí é outra. O ex-ministro foi o primeiro a divulgar uma plataforma de idéias, ainda antes de se lançar pelo PPS. Até agora, porém, foi solenemente ignorado por Fernando Henrique. O que é bem provável que continue acontecendo. Os aliados do presidente mantêm a tese de que polemizar com Ciro é dar espaço para que o candidato cresça, apareça e confirme a realização de um segundo turno.

É inegável que uma mudança de eixo no debate da campanha presidencial deste ano, centrando-o mais no plano das idéias e menos no campo das agressões pessoais, terá o eleitor como beneficiário.

Assim como o ingrediente novo nas campanhas eleitorais, a Internet usada em larga escala. Somente nas duas primeiras horas em que esteve na home page petista, ontem à tarde, a carta-compromisso de Lula foi lida por 481 pessoas. A chapa do PT já tem seu e-mail. E o comitê FH prepara o mesmo esquema. É certo que o eleitor dos grotões, marginalizado de mais esse benefício do progresso tecnológico, não vai navegar entre os sites dos candidatos. Mas é inevitável que a relação do eleitorado urbano com os candidatos seja afetada.

O novo perfil do eleitor e os novos meios de chegar até ele mostram que vai ter que refazer os planos quem previa um 1998 parecido com 1994.